

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CRAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 89 — Domingo, 20 de Fevereiro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12
Depósito nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

MOVIMENTO PORTUÁRIO E PISCATÓRIO DO ALGARVE

Os portos de Sotavento da nossa provincia registaram, em 1953, segundo os números oficiais, o seguinte movimento de mercadorias e de pesca: Vila Real de Santo António — carga desembarcada, 7.543 toneladas, no valor de 14.410 contos; carga embarcada, 107.743 toneladas, no valor de 70.618 contos; pesca, 8.485 toneladas, no valor de 33.816 contos; Faro — carga desembarcada, 3.585 toneladas, no valor de 4.626 contos; carga embarcada, 20.268 toneladas, no valor de 42.181 contos; pesca, 685 toneladas, no valor de 1.882 contos; Olhão — carga desembarcada, 224 toneladas, no valor de 1.089 contos; carga embarcada, 6.334 toneladas, no valor de 77.004 contos; pesca, 5.886 toneladas, no valor de 13.005 contos; Tavira — carga embarcada, 151 toneladas, no valor de 1.071 contos; pesca, 1.767 toneladas, no valor de 8.294 contos.

NOVO ALTAR-MOR PARA A IGREJA PAROQUIAL

ACEDENDO ao amável convite do culto e dinâmico Pároco desta freguesia, rev. Prior Galhardo Palmeira, tivemos ocasião de visitar, há dias, numa dependência da Igreja Matriz, as peças e objectos sacros destinados a guarnecer o novo altar-mor daquele templo.

São eles, entre outros: o novo sacrário, banquetas, castiçais e candelabros, sacras da Missa e três baixos-relevos para a face anterior do mesmo altar, com a Santa Ceia e diversos motivos de simbolismo eucarístico. São tudo trabalhos de bronze cinzelado, cujo desenho e feitura demonstram garrá experiencia de mestre, deixando-nos deveras extasiados, já pela arte superior que ali se patenteia, já pelo perfeito acabamento técnico, mesmo nos pormenores mais ínfimos.

Em rápida apreciação, diremos que entre todos os trabalhos expostos impres-

PEQUENA DISTRIBUIÇÃO DA ENERGIA ELÉCTRICA

NAO faria sentido e não se completaria o pensamento que presidiu à elaboração do Plano de Fomento, no capítulo que se refere à produção e à condução da energia eléctrica, se esta não fosse convenientemente aproveitada e distribuída, e não viesse a servir os interesses industriais e sociais, desde as maiores organizações, às mais modestas. A execução rápida das obras de produção e condução, que já sulcam o País em muitos sentidos, e ainda as que estão a ser elaboradas e estudadas, para um melhor aproveitamento das quedas de água, atestam sobejamente o interesse que norteia o Governo, no sentido de estabelecer uma rede, melhor diríamos uma verdadeira teia electrificadora, de maneira que todo o País, desde os meios industriais aos meios agrícolas e rurais, incluindo nesta ramificação os benefícios de natureza individual ou social, possam usufruir um bem, que é índice seguro de melhoramento, de vida e de subida do nível da mesma vida.

A proposta de lei, que o Governo há poucos dias enviou para o Parlamento, para ser apreciada, alterada e aprovada, não tem outra intenção e não significa mais do que servir a política de expansão de um benefício, que pode ser, para além de uma comodidade social, um meio de estimular

as pequenas indústrias e de desenvolver as já existentes, grandes ou pequenas, para que a fim se transforme essa riquíssima fonte de energia, assim distribuída e ramificada, num recurso para enriquecimento do País.

O exórdio, que precede a proposta de lei, explica claramente os fins que se propõe e se resumem, mais ou menos, no que deixamos dito, mas entrando, propriamente, no plano de execução, regista a necessidade e regulamenta-a, por assim dizer, da participação dos Municípios e das organizações municipais neste grande empreendimento. Uma vez mais, a política governamental vai dar vida e incremento às

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

PELA DIRECÇÃO GERAL de Assistência FORAM CONCEDIDOS PARA O ALGARVE

788 contos de subsídios

A DIRECÇÃO Geral de Assistência, com a aprovação do respectivo subsecretário de Estado, concedeu às diversas instituições de caridade de todo o País subsídios no total de 32.856.800\$00.

Ao nosso distrito, distribuídos por Misericórdias, hospitais, asilos, etc., couberam, num total de 788 contos, os seguintes subsídios:

Vila Real de Santo António, 42.000\$00; Castro Marim, 10.000\$00; Albufeira, 16.000\$00; Aljezur, 8.000\$00; Faro, 230.000\$00; Lagoa, 28.000\$00; Loulé, 76.000\$00; Nossa Senhora de Lagos, 32.000\$00; Monchique, 30.000\$00; Portimão, 68.000\$00; Silves, 54.000\$00; Tavira, 60.000\$00; Vila do Bispo, 16.000\$00; Olhão, 14.000\$00; Alcoutim, 12.000\$00; S. Brás de Alportel, 8.000\$00; Assoc. Protectora das Florinhas do Sul, 24.000\$00; Inst. de Assistência Social de N. Senhora de Fátima, Olhão, 60.000\$00.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

MUSSORGSKI E O CASO DOS DOIS BORIS

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

JÁ não sei como, mas provavelmente pelas referências que lia quanto à influência de Mussorgski na maneira de Debussy, a minha curiosidade se voltara, nos meus tempos de estudante em Lisboa, para a música russa de que fui assim, entre nós, um dos primeiros a ter algum conhecimento, pelo menos teórico ou lívresco. Em todo o caso, é positivo que no velho livreiro Morais vim a encontrar o «Essai

historique sur la musique en Russie» (Paris, 1904), do velho Arthur Pougin e que desde 2 de Abril de 1908 (a data que puz nesse exemplar, segundo o costume infantil que então tinha...), este livrinho ficou sendo o meu evangelho na matéria...

Ora Pougin, da velha escola reaccionária, falava de Mussorgski em termos de que recorto estes dizeres: «Na realidade, Mussorgski não era um músico, mas... um poeta que se servia de elementos musicais... singularmente restrictos», pois a sua educação musical fora muito incompleta. Porém, de par com isto, «ideias musicais dum sabor

sr. Rimski-Korsakow.» Por Pougin é que eu conheci o nome de Pierre d'Alheim, contra quem ele se empenava, chamando-lhe biógrafo entusiasta... que não tem invecitias bastantes para aqueles que não estão dispostos a ajoelhar-se como ele, diante do génio do compositor e que desculpa assim os seus erros. E que P. d'Alheim dissera: Mussorgski procurava simplesmente traduzir os gritos da alma que impressionavam o seu ouvido ou soavam em si. Certamente, ele pisou as leis, mas, fatalmente, sob o peso do pensamento.»

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O RISO DA SEMANA



FAR-WEST

—Lembro-vos que fazeis parte de um corpo de policia regularmente constituído, e, por isso, vos é prohibido assaltar combolos ou roubar cavalos, durante as horas de serviço!...

A VALORIZAÇÃO DA NOSSA TERRA

PELO Ministério das Obras Públicas e por intermédio do Fundo do Desemprego, foi concedida à nossa Câmara Municipal a verba de 150 contos, para a obra de continuação da rede de esgotos.

Quando ao apeadeiro do Guadiana, cuja substituição o sr. ministro das Obras Públicas considera indispensável, tendo em vista a sua importância para o tráfego internacional, deliberou aquele ministério compartilhar com 40 por cento a sua construção, desde que a obra seja levada a efeito no decurso do corrente ano.

Todos os outros problemas locais (doca de pesca, praça Marquês de Pombal e reintegração no estilo primitivo dos Paços do Concelho) estão a merecer cuidada atenção do sr. eng. Arantes e Oliveira.

O NATURALISMO EM CESÁRIO VERDE DUAS CORRENTES LITERÁRIAS

Por MARCOS ALGARVE

O NATURALISMO em matéria literária, prosa e verso, vem desde o seu aparecimento em terras de França, Itália e Inglaterra.

Tanto os prosadores como os poetas portugueses acompanharam de perto os mestres franceses. Mas três dos nossos escritores inclinaram-se abertamente para os naturalistas ingleses, cuja maneira de sentir e pensar revelava um poder de expressão mais calmo, mais sereno e mais britânico.



Um aspecto do carnaval em Loulé

CARNAVAL algarvio

TÊM hoje início os folguedos já tradicionais do Carnaval algarvio, que tem, nas realizações de Portimão e Loulé, a sua principal expressão.

Os dois importantes burgos, à compita, esforçam-se por dar às suas festas carnavalescas (simpáticas, além do mais, pelo fim benemerente de que se revestem) o maior brilho e esplendor possíveis.

Em Portimão, tudo se conjuga para que a sua «Festa da Amendoeira e Carnaval» seja mais um

êxito a somar aos êxitos obtidos com a mesma realização dos anos anteriores, e que, durante o fugaz reinado de Momo, empresta à encantadora princesa do Arade características especiais de animação e alegria. Os seus carros alegóricos, onde nunca falta uma inspirada nota de bom gosto e de graciosidade, irão decerto suplantiar os nossos conhecidos do ano passado.

Para isso têm contribuído, com muito trabalho e bairrismo, alguns portimonenses (e muitas portimonenses...) que não estão dispostos a deixar descer o nível de interesse dos seus festejos carnavalescos. Milhares de forasteiros correrão, de toda a parte, uns para reverem uma festa já conhecida, mas que é sempre nova — e deixa sempre saudades; outros para, a pretexto de ingerir a sua dose de alegria própria da quadra, aproveitarem para conhecer as belezas da encantadora região barlaventina.

Por sua vez, Loulé, que tem nas Batalhas de Flores do seu carnaval justificado orgulho, vai confirmar, este ano, a sua esplêndida tradição.

A «Tia Anica», por quem os investigadores e eruditos têm queimado os miolos em transcendentes congeminções sobre a sua autêntica naturalidade, mas que, para o Zé Povinho, na sua santa simplicidade, será sempre de Loulé, a «Tia Anica», dizíamos, com a sua saia de barra preta, andará, durante os 3 dias de Entrudo, na folia pegada dos papelinhos e dos sacos de serradura, com a multidão de alguns milhares de forasteiros e «touristes» que, como nos outros anos, invade Loulé, entusiasmados com o encanto dos carros alegóricos, que desfilam no «corso» da Avenida, e com a maneira gentil como os touletanos sabem receber quem os visite.

Enfim, não hesitamos em augurar absoluto êxito às festas que hoje se iniciam em Loulé e Portimão — pois o seu disfarce carnavalesco não disfarça completamente o fim generoso que as inspira.

CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

SOB a presidência do sr. Matias Barroso Gomes Sanches, vice-presidente da Câmara Municipal, realizou-se, no dia 17 do corrente, na Escola Masculina de Vila Real de Santo António, uma reunião a que assistiram todos os agentes de ensino do Concelho e na qual foram focados todos os problemas que mais se ligam com a Campanha Nacional de Educação de Adultos, de modo a intensificar e pedir a maior colaboração de todos, no sentido de que a Campanha continue a dar cada vez mais e melhores frutos. O sr. vice-presidente da Câmara expôs os fins da reu-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

VISITA DO SR. BISPO DE HUELVA A PORTUGAL

PARA assistir às festas a Nossa Senhora de Lourdes, e a convite do sr. Bispo Coadjutor desta Diocese, passou nesta vila, a caminho de Faro, no dia 12 do corrente, S. Ex.ª Rev.ª o sr. Don Pedro Cantero, ilustre Bispo da diocese de Huelva (Espanha). O insigne Prelado fazia-se acompanhar do seu chanceler-secretário, Don Gregório Martínez, do seu capelão privado, Don Eusébio Palacio, pertencentes à sua comitiva, e bem assim, do Alcaide de Alamo, Don Cipriano Carrasco Saenz.

Nesta vila, aguardavam o egrégio visitante o sr. D. frei Francisco Rendeiro, Rev. Prior Galhardo e outros dignitários eclesiásticos, tendo seguido todos para a capi-

tal do Distrito, onde nessa noite foi oferecido um banquete pelo Cônsul de Espanha em Faro, sr. Don Enrique Suarez de Puga, com a assistência do elemento oficial.

No domingo, 15, depois de celebrar solene Missa de Pontifical na Sé, foi efectuada uma sessão de boas-vindas ao Rev.ª Don Pedro, na Sala do Trono do Paço Episcopal, pela A. C. do Algarve. No mesmo edifício, realizou-se depois um almoço, oferecido em honra do preclaro hóspede pelo sr. Bispo Coadjutor, tendo assistido, entre outras personalidades, o sr. eng. Mascarenhas Gaivão, governador civil de Faro, Cônsul de Espanha, dirigentes da A. C. P., dr. Lopes de Andrade, da A.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com curta demora, tivemos o prazer de abraçar, na nossa redacção, o nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. José Barão, redactor de «O Século».

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o nosso prezado amigo e assinante, sr. capitão Joaquim Guilherme Travassos, que com sua esposa regressou de Lisboa à sua casa nesta vila.

Acompanhado de sua esposa, seguiu para Lisboa o nosso prezado assinante, sr. Manuel Martins, que foi consultar a medicina.

Encontra-se em Lagos, a fim de fiscalizar as obras de ampliação da Escola Industrial e Comercial daquela cidade, o nosso estimado assinante, sr. José Alves Salvador.

Encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Mariana Camarada, irmã do nosso prezado assinante e amigo, sr. Luís Gonçalves Camarada, gerente do Banco Português do Atlântico, nesta vila.

Esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso amigo e assinante em Cuba, sr. João Gonçalves da Conceição, chefe da estação de Caminho de Ferro daquela vila.

Visitou a nossa terra e outras localidades da nossa província o sr. José de Moraes Sarmiento Honrado, filho do nosso prezado amigo e comprovinciano, sr. José A. Honrado, residente em Lisboa. Acompanham-no sua mãe, sr.ª D. Maria Cândida Moraes S. Honrado e a sr.ª D. Ivone Moraes da Cunha Mendonça.

Deu-nos o prazer da sua visita, na nossa redacção, o nosso prezado assinante, sr. Domingos António Afonso, de Alcoutim, tendo aproveitado a oportunidade para fazer o pagamento da sua assinatura.

Em gozo de licença encontra-se nesta vila, o sr. Manuel Joaquim Gomes, filho do nosso prezado assinante sr. Joaquim Gomes.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e colaborador, sr. capitão António Gonçalves.

Com o sr. Manuel António Caldeira e sua esposa, sr.ª D. Luzette do Carmo Moraes Caldeira, seguiu para Lisboa, aonde foi consultar a medicina, a sr.ª D. Mariana Antunes Caldeira, esposa do nosso prezado assinante, sr. Francisco Vicente Caldeira.

Casamentos

Realizou-se nesta vila, no passado dia 31 de Janeiro, o casamento da sr.ª D. Maria Amália das Chagas, filha do sr. António das Chagas e da sr.ª D. Esperança da Conceição Chagas, com o sr. Alfredo do Carmo Moraes, filho do sr. António Teixeira de Moraes, nosso assinante em Nova Lisboa (Angola), e da sr.ª D. Mariana P. do Carmo Moraes, já falecida.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Ângela Pereira e seu tio, sr. Mateus Pereira, e por parte do noivo, o sr. Manuel António Caldeira e sua esposa, sr.ª D. Luzette do Carmo Moraes Caldeira.

Ao novo casal, «Notícias do Algarve» deseja muitas felicidades.

Realizou-se, no passado dia 17, na Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, desta vila, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria da Encarnação Lopes, filha da sr.ª D. Glória Lopes e de Manuel Viagas, já falecido, com o sr. Eduardo Augusto Fernandes, filho da sr.ª D. Maria do Rosário Fernandes e do sr. Eduardo Fernandes.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Cristina Abecasis Vargas Capa e o sr. Rodrigo de Sá Aboim e Aboim, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria da Encarnação Costa e o sr. Acácio Lopes.

Ao novo casal, que fixou residência em Lisboa, deseja «Notícias do Algarve» muitas felicidades.

Doentes

Encontra-se doente o nosso prezado amigo e assinante, sr. coronel Manuel António Pereira Milreu, ilustre presidente da Câmara Municipal de Faro, a quem manifestamos os nossos sinceros desejos de pronto restabelecimento.

Agravou-se, nestes dias, o estado de saúde do nosso estimado amigo e dedicado colaborador, sr. Fernando Moraes Rodrigues. Desejamos-lhe prontas melhoras.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

O vazio para enlatamento do peixe — Afirma-se que a nossa época ficará na história não com a designação da Era Atómica, mas sim com a classificação de Idade dos Plásticos. E efectivamente, perante a grandiosidade da revolução que se está a produzir no campo das substâncias plásticas, não nos repugna acreditar que assim seja. Agora, chega-nos a notícia de que os alemães inventaram uma caixa de plástico transparente, que pode ser soldada herméticamente e suportar temperaturas até 180° C. Espera-se que estas embalagens revolucionem todas as indústrias de conservas. E' claro que não têm sido divagações sem finalidade, aquelas que temos feito acerca da necessidade do estudo e criação da indústria dos plásticos na nossa terra.

A pesca na Noruega — Não é sem fundamento que se considera o pescado norueguês o mais progressivo e industrial. Vivendo num país agricolamente pobre, o norueguês teve de recorrer ao mar para sobreviver. E assim, criou uma frota mercante das mais importantes do mundo, mas como isto fosse pouco para lhe garantir normal passado económico, deu incremento às suas actividades piscatórias. Um dia, reparou que passavam aolargado da sua extensa costa numerosos cardumes de atum, e deu-se a meditar na sua captura. Ensaiou métodos e acabou por se sair bem. Hoje, essa pesca é uma das riquezas desse laborioso país do Norte. O ano passado, os barcos noruegueses capturaram 9.848 toneladas de atum, no valor de 16 milhões e 100 mil coroas, o que corresponde a 64 000 contos.

A captura dos tunídeos — Acerca das dificuldades crónicas de que enferma a pesca artesanal, extraímos de um relatório sobre pesca, da autoria do sr. João de Lemos, a seguinte passagem: «Haveria antes, por exemplo, que desenvolver as artes de cerco e algumas de anzol, para a pesca dos tunídeos, etc. Mas isso requereria, a par de novas construções, a reeducação do pescador para o tornar apto no emprego daquelas artes, correndo-se sempre o risco de se não obter, por falta de peixe ou deficiências de técnica, resultado economicamente compensador.» Ainda no mesmo relatório: «Quanto às artes de xávega, de que tanto se tem falado e que tão numerosas foram... tendem as mesmas a desaparecer, como natural consequência da escassez do peixe, e tal como está sucedendo com as artes fixas.»

Conservas de peixe espanholas — Apreciando o problema das conservas espanholas, «Commercial Fisheries», transcrito pelo «Jornal do Pescador», diz: «As anchovas apanhadas no mar Cantábrico são salgadas e metidas em barricas ou em latas, e 70 a 80 por cento da produção é exportada. O principal mercado é a Itália, onde o peixe é feito em filetes e re-

portado, e vai competir em certa medida com as anchovas galegas. Portugal é o mais sério competidor nos mercados de importação de anchova, embora os seus preços sejam semelhantes ou um pouco mais altos. A sardinha tem escasseado ao longo da costa norte da Espanha, durante estes últimos anos, o que se traduziu pela perda do mercado americano a favor dos produtores portugueses e marroquinos. Os exportadores espanhóis estão a cotar a caixa de 100 latas de 14 a 15 dólares, ao passo que os preços do Marrocos francês e de Portugal são de 9,25 e 9,10 dólares, respectivamente.

A Espanha ainda está a fazer boas pescas de sardinha, na costa sul; mas como, infelizmente, as suas fábricas estão situadas na costa norte, é necessário o seu transporte por estrada num percurso de cerca de 1.000 milhas. Daqui resulta terem os conserveiros de pagar mais do dobro do que pagam os conserveiros portugueses pelas suas sardinhas, e de a sua qualidade se ir inferiorizando, durante a longa viagem. Antes de 1936, a exportação anual de sardinha era, em média, de 14.000 toneladas; mas, actualmente, não ultrapassa 5.400 toneladas, o que mostra bem o declínio da indústria de conservas espanhola.

Pesca do atum à rede — Começa a desenvolver-se, em todo o mundo, a pesca do atum à rede, de que foram precursores, ao que julgamos, os noruegueses.

Na América do Norte, também este sistema de pesca está a progredir, tendo a traineira «Western Pride» pescado no Atlântico 55 atuns de barbatana azul, com o peso de 23 quilos cada um. Os grandes cardumes apresentam certos problemas à pesca de cerco.

A média anual da pesca do atum, nos Estados Unidos, anda por 155.000 toneladas. Setenta por cento desta pesca é obtida por meio de isca viva. Mas como esta escasseia, fazem-se experiências com isca sintética.

Mercado americano — Periódicamente, os estabelecimentos comerciais norte-americanos saldam todo o seu recheio, para se reabastecerem de novo. Vamos dar os preços de saldo por que nesta primeira quinzena foram vendidas as conservas de peixe, no mercado de Nova Iorque: atum branco, 83 a 85 c.; 7 onças; atum bocadinhos A & P, 27 c., 7 onças; atum pedaços «Sultana», 2 latas de 6 onças, 48 c.; bonito «Martel», 19 c., 6 onças; «sardinhas» Del Monte, em tomate, 15 onças, 23 c.; «sardinhas» norueguesas «Blue Peter», 2 latas de 8 3/4 de onça, 29 centimos, e sardinhas portuguesas, sem pele e sem espinha, 7 onças, 44 centimos, esclarecendo-se, no anúncio da casa vendedora, que o preço normal é de 49 centimos. O anúncio acrescenta, no que respeita às nossas sardinhas: «O melhor é comprar em grandes quantidades, porque o preço agora está bastante baixo e tem tendências a subir.»

Devemos esclarecer que o anúncio é da casa vendedora e não de qualquer entidade portuguesa.

Atum guisado com massa, em latas de 15 onças, 27 centimos. Aquece-se e serve-se, e constitui um excelente jantar.

A propósito deste guisado e das sopas concentradas, apetecia-nos acrescentar um comentário, mas não vale a pena! — J. B.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.



PROVINCIA

LUZ DE TAVIRA

Campanha Nacional de Adultos

A fim de elucidar e esclarecer vários assuntos relacionados com a luta contra o analfabetismo, deslocou-se a esta povoação, no passado dia 16 do corrente, o sr. Delegado Escolar do concelho de Tavira. A reunião, que teve lugar na sala da escola do sexo masculino, presidiu o sr. Manuel de Sousa Neto, presidente da Junta de Freguesia da Luz, representando o sr. presidente da Câmara Municipal.

Além do sr. prof. Manuel Pereira Dias, que leu um breve mas bem elucidativo discurso acerca do ensino primário, encontravam-se presentes todas as sr.ªs professoras e regentes das escolas da sede da freguesia e sítios de Am-

ro Gonçalves, Livramento e da freguesia de Santo Estêvão, bem como o regente do Curso de Educação de Adultos da Casa do Povo.

Em seguida, o sr. Delegado Escolar do Concelho fez uma larga conferência, explicando assim a maneira de se obterem melhores resultados escolares, citando afirmações oficiais sobre vários objectivos da Campanha, e focando a maneira das matriculas, exames, multas a aplicar pelas faltas de frequência, funcionamento de cantinas, etc., etc.

Partidas e chegadas

Depois de passar as suas bem merecidas férias, já se encontra de novo chefiando a Estação dos C. T. T. desta localidade a sr.ª D. Ludovina dos Santos Rolão.

Vindo da Agência do Banco Nacional Ultramarino, na Mealhada, onde foi promovido a 1.º escriturário, encontra-se de novo colocado na Agência do mesmo estabelecimento bancário, em Tavira, o nosso querido amigo e conterrâneo, sr. Venceslau da Cruz, pelo que lhe apresentamos os nossos parabéns. — C.

GHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

VERDADE

A verdade não nasceu para viver acaçapada debaixo do alqueire — mas para brilhar à plena luz. Não é de quem a descobre — não é minha, não é tua, não é do outro — é de toda a gente. Pede que a comuniquem, que a façam circular.

Baldadamente se procura fazer calar a verdade. Não há violências que a emudeçam. Se hoje lhe cortarem a língua, ela amanhã a reconstituirá, para, de novo, voltar a falar — e, desta vez, com mais vigor, como quem tira represália da mudez a que a obrigaram.

NEWTON, O PAPUA E O MACACO

Diz o evolucionismo que existe menos diferença entre um macaco e um papua do que entre um papua e Newton. Essa pequena diferença entre o macaco e o papua é o bastante para que este tenha o direito de meter o macaco numa jaula, e até de lhe chamar um figo, num apuro de fome...

Mas teria Newton igual direito, em relação ao papua, apesar de a diferença entre ele e o selvagem ser muito maior do que a existente entre o macaco e o papua? Um antropólogo diria que sim, deixando falar a sua filosofia do apetite e do paladar. Mas Newton, como homem superior, é que não teria esse direito. Quanto mais superior é o homem, maior respeito deve merecer a dignidade humana.

A LUA SOBRE A FLECHA DE NOSSA SENHORA DE PARIS

Alfredo de Musset, na sua Balada à lua, vai por ali adiante, entoando seus hinos sentimentais à dita lua, quando se lembra de a comparar — na altura em que ela paira sobre a flecha de Notre Dame — a um ponto em cima do — i (1).

Sinal dos tempos... Estando nós a viver sob o signo da tipografia e artes adjacentes, é natural que os poetas, em crise de metáforas, tenham de recor-

Falecimento

Maria Fernandes Pessanha

Faleceu nesta vila, no dia 12 deste mês, a sr.ª D. Maria Fernandes Pessanha, de 80 anos de idade, natural desta vila, onde residia.

A extinta era viúva do sr. Tomás Jerónimo Domingues, e mãe do sr. Luís Pessanha Domingues, residente em Lisboa, e da sr.ª D. Rosália Pessanha Mateus da Silva, esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. António Mateus da Silva.

À família enlutada, apresentamos sentidas condolências. Este funeral esteve a cargo da «Casa Funerária» de Emiliano Viegas.

BARCO DE PESCA

A vapor, muito económico, queimando lenha e carvão, 120 CV., com alvará, pesca à linha e respectivo aparelho, servindo para rebocador de rio, vende-se.

Tratar: Rua dos Sapateiros, 62-2.º — Lisboa.

rer àquela em que a lua, encarrapitada na flecha de Nossa Senhora, lhes lembra a pinta sobre o i.

Os homens dotados de fantasia são capazes de tudo — Inclusive pôr o famoso sino de Notre Dame, o feíssimo Quasimodo, a puxar pelo rabo dum cometa...

(1) Também Cyrano, na famosa peça de Rostand, dirigindo-se a Roxana, diz que o beijo é:

Un point rosé qu'on met sur l'i du [verbe aimer].

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 12 a 18 de Fevereiro:

Entradas:

ZÉ MANEL, de 926 ton. e COSTEIRO, de 629 ton., Portugueses, ambos de Lisboa, vazios.

MADALENA, Português, de 1.198 ton., com carga em trânsito.

Saídas:

ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.

MADALENA, Português, com 48 562 kgs. de figo, 24 400 kgs. de sal, em sacos e 3.000 kgs. de sal a granel, para o Funchal.

COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 19 a 25 de Fevereiro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

CONCURSO FOTOGRÁFICO DE MOTIVOS ALGARVIOS

CONTINUA despertando o maior interesse o Concurso fotográfico de motivos algarvios, promovido pela Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve, em Lisboa.

A presente época das Amendoeiras, em plena floração, vem dar o maior ensejo para todos os interessados colherem os seus melhores clichés.

Dos prémios constarão, além de uma valiosa oferta do S. N. I. e da taça «Casa do Algarve», várias taças oferecidas pelas Comissões e Juntas de Turismo desta província e de objectos de arte.

As fotografias deverão ser entregues até ao dia 7 de Março, próximo, na Secretaria da Casa do Algarve, rua Capelo, 5-2.º, telefone 23240, onde se fornece o respectivo regulamento.

Rectificando

Para evitar que seja interpretada erradamente a última parte da local, publicada no nosso n. 87, referente ao movimento da Santa Casa da Misericórdia desta vila, esclarecemos que as consultas para o serviço cirúrgico daquele estabelecimento hospitalar se efectuam nos 2.º e 4.º sábados de cada mês.

Quanto ao serviço operativo, foram realizadas histerectomias e gastrectomias, e não histerotomias e gastrotomias, como por lapso referimos na aludida local.

FARÓIS PORTUGUESES

Quatro faróis portugueses: o de Montemor, próximo de Viana do Castelo; o de Vila Real de Santo António; o do Cabo de Espichel, perto da barra do Tejo, e o do Cabo de Sines, vão ser equipados com aparelhagem rádio-acústica.

IMPRENSA

«CORREIO OLANHENSE»

Para garantia do título, publicou mais um número este nosso prezado colega. Fazemos sinceros votos para que o «Correio Olanhense», que tão relevantes serviços já prestou, na defesa dos interesses da simpatia e progressiva vila cubista, volte o mais brevemente possível à regularidade de publicação.

«LA HIGUERITA»

No passado dia 14, completou 43 anos de publicidade ininterrupta o nosso estimado colega andaluz «La Higuierita», decano da imprensa da vizinha província espanhola de Huelva, motivo por que lhe apresentamos, bem como ao seu director, D. Juan Bautista Rubio, os nossos cordiais cumprimentos de felicitações, com votos de muitas prosperidades.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FERRO

PARA CIMENTO ARMADO
TODOS OS CALIBRES

VENDE:

Hilderico do Nascimento Pires

Vila Nova de Cacela

Telefones: 4 e 14



TRIBUNA DOS NOVOS

CARNAVAL

O ANASTÁCIO era um daqueles tipos que encaram a vida com um sorriso boêmio e um rosto alegre e livre de qualquer preocupação. A sua maior alegria era o Carnaval.

Carnaval! Era o «Abre-te, Sésamo» do Anastácio, tudo era alegria naquela casa. A mulher, a D. Engrácia, era tão folionista como o marido; por isso, assim que os jornais e os cartazes bastante elucidativos anunciavam a chegada do Carnaval, a família Anastácio começava logo a preparar a casa para poderem resistir aos assaltos dos Sequeiras, dos Morgados e de todas as raparigas e rapazes amigos dos respectivos filhos.

Quando o Domingo Gordo anunciava a sua chegada, já a carteira do Anastácio estava mais magra que um cavalo de taurada, mas no entanto tudo estava preparado, desde as caixas de «confetti» até ao clássico balde de água sobre a porta.

Já há anos que todos festejavam entusiasticamente a chegada do Rei da Alegria.

As janelas tinham sempre grande quantidade de objectos carnavalescos do mais requintado gosto e cheiro: latas de lixo, ovos podres, sacos de serradura, sacos de farinha que eram formidáveis para as senhoras e senhores de luto; e havia até um certo jogo que era da predilecção dos filhos do Anastácio: era um jogo bastante simples que consistia em porem-se os miúdos no 1.º andar com um fio, tendo na extremidade um anzol, e quando passava algum sujeito com um chapéu, com o dito anzol pescavam o «coçumelo» fazendo o senhor dar saltos para poder apanhar o seu querido chapéu; e no momento em que o cavalheiro estava com o pescoço bem esticado e a cara bem para cima, largavam-lhe um ovo cheio de farinha, que algumas vezes tinha o condão de acertar na boca.

Pouco depois, entregavam o chapéu apenas com um simples buraco na copa.

Tudo tão infantil!... Que saudades dos outros tempos, chegava a dizer o Anastácio com tremeliques na voz.

Quando chegou o almejado dia de Domingo Gordo, já tudo estava a postos desde a manhã; até mesmo sobre a escrevaninha estavam cinco intimações para o Anastácio comparecer na esquadra lá do sítio, resultados de terem estragado o fato a três senhores, terem partido o chapéu a outro e terem feito desmaiar uma senhora velhota, por terem-lhe posto bem defronte dos olhos um gato, pendurado pelo rabo lá do 1.º andar, e que numa atitude desesperada para se salvar, deitou as unhas nos cabelos esbranquiçados da senhora.

— Já não se pode brincar! dizia o Anastácio.

— Mas o que é preciso é alegria, e para dar mais convicção à frase, atirou com toda a força um ovo podre, para um senhor de ar muito circunspeto que passava lá em baixo no outro lado do passeio, e que ficou com uma nódoa amarela no fato.

— Assim é que é, gritou a D. Engrácia, atirando por sua vez um sacco de papel de seda, cheio de serradura por cima de uma senhora, que ficou com serradura por todos os lados.

A noite chegou com grande gáudio da rapaziada, e dos esposos, que andavam ainda a pensar em mais partidas.

Havia osgas dentro dos papo-secos, baratas no caldo, e ratos por todos os cantos, tudo de papel, mas o ano passado a D. Felisberta, querendo meter um susto ao marido, apanhou um desses ratos, que começou assustadoramente a guin-

char-lhe na mão. Depois foi um trabalho para tirarem a D. Felisberta de cima do armário. As nove horas bateram alegres e repenicas no velho relógio da casa de jantar.

La começar a festa, tudo estava a postos...

De repente, a campanha da porta soou, a criada foi abrir a porta, e uma gritaria enorme e toques de buzina anunciaram a chegada dos Sequeiras, dos Morgados e da respectiva comitiva.

A D. Felisberta, toda de vermelho e com uma máscara de Greta Garbo, foi a primeira a sofrer a principal partida daquela ocasião, pois apanhou em cheio com o balde de água que estava pendurado sobre a porta, ficando com a tinta da máscara a escorrer-lhe pelo vestido, que deste modo tomou ares de furta-ceres. Todos riram e o senhor Sequeira, fazendo-se muito lampeiro, começou a descer os degraus que levavam à casa de jantar, a passos de dança, mas uns berlindes postos previamente num dos degraus fez com que o senhor Sequeira chegasse mais rápido que pensava à casa de jantar, apenas um pouco magoado.

Chegados perto da mesa do repasto, a senhora Morgado, querendo provar um dos pastéis que estava mais lourinho, deu um grito de dor e de susto: tinha mastigado um bocado de sabão Macaco, tendo partido um dos dentes, mas ninguém pensou em tristezas e o jantar decorreu o mais alegre possível. Depois, veio o baile, que era a parte mais desejada... depois do repasto.

A mesa foi arrumada para um lado, levantou-se o tapete e pôs-se o gira-discos a funcionar, com uma marcha bem conhecida e que todos aproveitaram para demonstrar as suas habilidades artísticas.

Até tarde durou a dança, mas quando estava numa música lenta, o Anastácio reparou que o namorado da filha estava muito chegado a ela, e o pior é que não havia frio nenhum. O Anastácio, decidido a investigar, dirigiu-se ao rapaz.

— Oiça, a rapariga está mal disposta?

O namorado, o Alberto, estilo cinéfilo, olhou o Anastácio com ar admirado, e disse-lhe com ar adormecido:

— E! um «Slow»!

— Se tem sono, é melhor ir deitar-se, disse o pai, demonstrando que pouco sabia de música moderna.

O Alberto, num gesto inspirador, disse-lhe com gestos teatrais:

— O! Nero impiadoso, que me julgais parricida!

— Foi uma boa partida, mas não torne a fazer isso, senão prespegolhe com um ovo na cara; retorquiu o Anastácio.

Palavra puxa palavra, e daí a pouco tinha-se generalizado a maior cena de soco e pontapé que já foi dado presenciando algum mortal. E foi assim que terminou a alegria do Anastácio e da D. Engrácia, que já não pode ouvir falar no Carnaval.

A. de Mendonça

CINE-FOZ

Apresenta, na quinta-feira, 24, um programa duplo.

Carga humana, com Lew Ayres e Marilyn Maxwell. Um dos heróicos episódios da luta entre as tropas federais dos Estados Unidos e os índios rebeldes, no Novo México.

Viver sonhando, com Diana Lynn e Guy Madison. Uma história que mantém o espectador em continuo sobressalto pelo seu enredo.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)

LUSITANO, 6 — DESPERTAR, 2

Campo «Francisco G. Socorro». Árbitro: Baptista Martins, de Setúbal.

Lusitano: Rodrigues (Balbino); Daniel e Pescada; Lopes, Sanina e Natércio; Almeida, Travassos, Antunes, Estêvão e Modesto.

Despertar: Adeline; Corujo e Palma; Sioga, Ameixa e Passinhas; Valadas, Patrício, Manero, Marques e Páscoa.

Primeiro tempo: 3-2. Marcadores: Manero (2), Antunes (2), Modesto (1), Estêvão (1) e Almeida (2).

Do ponto de vista técnico, a partida decepcionou-nos totalmente. É certo que o estado lamacento do terreno, que acusava os efeitos das últimas chuvas, dificultou grandemente a missão das duas turmas, contribuindo para o baixo nível do jogo praticado.

Porém, não é demais insistir, qualquer equipa deve dispor de trunfos suficientes para minorar estas dificuldades impostas pela natureza e de há muito previstas, pelo que não podemos isentar de culpas, os contendores.

Verificada esta, ainda antes do intervalo, o jogo caiu em completa monotonia, pois os visitantes já não se mostravam capazes de reagir, revelando a natural quebra, provocada pelo piso.

Assim, os tentos da confirmação já não surpreenderam ninguém, acabando o resultado por se tornar muito natural, fiel ao domínio exercido pelos locais.

Estes dominaram territorialmente, justificando assim o resultado, mas no jogo produzido deixaram muito a desejar, criando desagradável impressão entre o público.

A equipa não utilizou os processos mais recomendáveis para as condições do campo, deixando-se arrastar por tentativas individuais e exagerado egoísmo das suas unidades, o que tornou difícil uma tarefa, que mais tarde se verificou ser fácil.

O afã com que a turma lançou os seus ataques, numa fúria desordenada, mais veio realçar as falhas do conjunto e o desconhecimento, por parte de algumas peças, da missão a cumprir e do momento que passava.

Os interiores, principalmente o direito, passaram todo o jogo em conduções de bola, a tentar ganhar terreno em dribles e passes curtos, a tal ponto que a toada se tornou enervante e claramente inadequada, por ineficaz.

Não foi mais evidente este defeito porque, quando a queda de resistência se verificou, já a equipa contava com larga vantagem e nos visitantes o desgoste revelou-se primeiro, talvez por falta de preparação ou veteranaria a mais em algumas pedras basilares.

Já por mais de uma vez temos criticado a equipa, por, em terreno seco, praticar um futebol de balões, à toa, sem eficácia ou brilhantismo. Agora, desejáramos ao menos ter visto um pouco desse futebol a ganhar terreno, mas com sentido de jogo, com os extremos e avançado-centro adiantados em cunha, já que ela conta, nos seus sectores atrazados, com elementos que arracam muito bem a bola do solo.

Neste capítulo, apenas Pescada se distinguiu, não demorando a bola na sua zona, e deslocando-se a outras alheias a mostrar como é, num impulso aos companheiros. Contando na frente com um

avançado-centro da categoria dos pesados e um extremo-direito veloz, de bom pontapé e muito experiente, algo de bom poderia ter produzido a equipa, se tem enveredado pelo melhor caminho, ou, melhor dizendo, se tem podido contar com dois interiores sabedores e menos frágeis.

Assim, de-perdendo estes trunfos e forçando os referidos elementos a actuarem em toada diferente da que se lhes deve impor, provocando o seu recuo e consequente neutralização das qualidades, a equipa perdeu faculdades, que só não foram de mais realce, devido à flagrante fragilidade dos antagonistas, a partir dos primeiros quarenta e cinco minutos, o que permitiu aos locais a manutenção do jogo para além do seu meio campo.

A diferença de quatro tentos pode servir para camuflar defeitos e ridicularizar a nossa opinião sobre o comportamento da turma; contudo, temos que frizar, os tentos alcançados, foram, na sua maioria, produto de lances confusos, recargas e insisências em força que nada abonam ao conjunto.

Foram, portanto, meros acidentes de jogo originados pela maior quantidade de lances em que a bola rondou a baliza dos visitantes.

Não foram conclusões de jogadas em que o conjunto se tornasse real à vista do público, mesmo do menos exigente.

Dos bejenses, não pudemos extrair uma opinião concreta que se nos afigure justa. As condições em que actuaram, fora de casa e em piso pouco próprio para a sua fragilidade física, levam-nos a aguardar outra oportunidade para podermos emitir uma opinião mais autorizada.

Os dois tentos alcançados no primeiro quarto de hora, a explorar muito bem as falhas defensivas do antagonista, e a resistência oferecida enquanto o fôlego não os abandonou, fazem nos crer que, em terreno seco, a equipa não é presa fácil para qualquer.

J. C.

Outros resultados: S. L. Faro-S. Domingos . . . 3-5 Silves-Moura 6-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Silves	1	1	—	—	6	1
LUSITANO	1	1	—	—	6	2
S. Domingos	1	1	—	—	5	3
S. L. e Faro	1	—	1	—	3	5
Despertar	1	—	1	—	2	6
Moura	1	—	1	—	1	6

Jogos para hoje!

Em Beja: DESPERTAR-SILVES

Na Mina de S. Domingos: S. DOMINGOS-LUSITANO

Em Moura: MOURA-S. L. FARO

Novo assinante

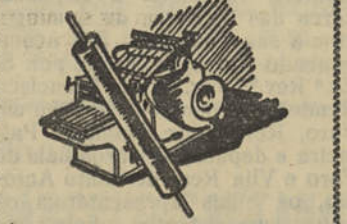
Deu-nos o prazer da assinatura do nosso jornal o sr. António Adelino da Silva, nosso prezado conterrâneo. Os nossos agradecimentos

VENDE-SE

BUICK, modelo ano 1928, em bom estado de conservação. Rua Cândido dos Reis, n.º 1 — Lagos.

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS



As mais modernas máquinas automáticas ao serviço nas nossas oficinas, que V. Ex.ª verá preferir para a confecção de IMPRESSOS e CARIMBOS. TELEPHONE 69. PRANTADO 3. VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

QUINTALÃO

Grande, frente ao rio, aluga-se para arraial, arrecadação de redes ou outro qualquer negócio. Informa-se na Rua da Princesa, n.º 33, nesta vila.

«Queremos um cinema que na sala escura ilumine o que há de mais puro e nobre na condição humana, para que nos ensine a ser melhores.» Pablo Neruda

SECÇÃO DE CINEMA

Orientação de VITORIANO ROSA

A VAMP NO CINEMA

IV — A corrupção

O ópio não estava apenas nos filmes. A vida de Hollywood, pela sua própria constituição, convidava à libertinagem, os escândalos sucedendo-se com a maior naturalidade.

Isso interessava à fama de Hollywood, à auréola de mistério que se pretendia criar em torno dessa gigantesca fábrica de sonhos. Mas o puritanismo (ou hipocrisia, como dizem alguns historiadores) enraizado no povo americano, incitado pelas organizações de «decência e bons costumes», começaram a reagir contra as liberdades que os filmes de Hollywood mostravam, em especial desde 1919. Os divórcios dos actores e atrizes, sucediam-se, mas ninguém poderia argumentar contra um direito expresso na constituição. Uma noite, ao fim de uma reunião mundana, uma actriz morre misteriosamente, nos

braços do cómico Fatty. O inquérito da policia revolveu o véu dos bastidores de Hollywood e descobriu corrupções alarmantes. Veio a saber-se, entre outros escândalos, que durante um jantar oferecido por Fatty, doze grandes produtores tinham dançado nus com doze raparigas igualmente nus. Fatty e os seus amigos — soube-se também — tinham calado a justiça desembolsando 100.000 dólares!

Estes acontecimentos encontraram-se assinalados em quase todas as histórias do cinema, por terem gerado o estabelecimento do Código de Pudor da autoria de William Hays, empossado como director da Motion Picture Producers and Distributors of América, em 15 de Janeiro de 1922.

V — O Código Hays

Em substituição das 47 censuras diferentes a quem os produtores tinham de submeter os seus filmes, o Código de Pudor entrou em vigor em 1924. Se a corrupção subira alto, os efeitos repressivos do Código deixavam-na a perder de vista. Mister Hays estabeleceu uma censura cujos ditames eram radicais. Um número infínidável de proibições foram impostas para evitar a corrupção, embora ninguém duvidasse da hipocrisia que as mascarava. (1) Tudo quanto mostrasse cenas de adultério, de sedução e violação, cenas sobre o comércio de brancas, cruzamento de raças, a higiene sexual e venérea, os órgãos sexuais das crianças, os aspectos da gravidez na mulher — era radicalmente proibido, assim como se decretava a interdição absoluta de recorrer a gestos, alusões, canções, palavras, graças, de forma completa ou simples sugestão maldosa, e ainda as danças que exagerassem os movimentos modestos, os títulos lascivos indecorosos e obscenos.

O Código nunca seria cumprido à risca — cumprindo-o, Hollywood teria morte súbita... A Lei Seca revelou-se incapaz de mudar um país que deve possuir o mais elevado índice de alcoólicos do mundo inteiro, onde o «whisky» é considerado um lenitivo para enfrentar o ritmo de vida, febril e intenso, um lenitivo que se usa demasiadas vezes. Para um povo como o americano, que concentra na vida sexual uma libertinagem que se expressa pelo seu consumo de estupefacientes, pelo seu número de homossexuais e sádicos, o cinema tem de fabricar as suas «vampas». Por isso, a despeito do Código de Pudor, as vampas não «morrem» em Hollywood. Greta Garbo, a divina, Mae West, a mulher anti-crises, Jane Russell, ao seio, Rita Hayworth «a bomba atómica de Bikini», as «vampas» marcam as etapas da história de Hollywood e são o retrato fiel de um mercantilismo mórbido.

(1) «Visor», n.º 18, publica em português o texto integral do «Código Hollywoodiano de Pudor».

APARELHO DE «PONTO TURCO»

Vende-se, em estado de novo. Dirigir à Rua Sousa Martins, 145 — Vila Real de Santo António.

Vinho da Adega Cooperativa de Tavira

EM GARRAFÕES DE 5 LITROS

Um esplêndido vinho de mesa da nossa região. GARANTIDO PELA SUA PUREZA E PALADAR

Vende-se na casa «IMPÉRIO» de DIAMANTINO M. BALTAZAR

Vila Real de Santo António

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

AS **3**

GRANDES MARCAS DE MOTO-BOMBAS

GORMAN-RUPP

MIDGET

ALCO

MUNDIALMENTE CONHECIDAS

AS MELHORES E MAIS ECONÓMICAS

SÃO EXCLUSIVO DE

H. VAULTIER & C.ª

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

do Divino Hóspede a Quem se destina.

Depois, somos ainda levados a deter-nos para uma especial referência ao jogo de sacras do altar. Cremos serem elas trabalho único, no género, pelo menos no nosso País, não só propriamente pelo emoldurado, tão belo como o estilo das outras peças da capela-mor, mas sim pelo facto de a gravação dos textos litúrgicos ser feita directamente sobre a placa de bronze, em elegantes caracteres góticos, a negro e púrpura, com as versais iniciais em iluminuras a minio, à feição solesmense. Nelas, tanto o equilíbrio da concepção como também o difícil gravado revelam notável sentido artístico, além de minúcia de execução primorosa, que diríamos beneditina, da parte do artista, seu autor e gravador. Já tínhamos informado, anteriormente, ser este o mestre escultor-cinzelador António Maria Ribeiro, do Porto, consagrado técnico neste género de trabalhos.

Algumas indicações sobre os «motivos» de ornato foram-lhe prestadas pelo rev. Pároco desta vila, realizador virtual deste «tour de force». Ambos são credores de parabéns.

Segundo nos informou o rev. Prior Galhardo, a quem aproveitamos para agradecer a gentileza do convite e os esclarecimentos prestados, o novo altar-mor será sagrado por S. Ex.ª Rev.ª o Prelado Coadjutor da Diocese, em visita próxima a esta vila, possivelmente por ocasião da festividade do Bom-Pastor, dia da Paróquia.

PEQUENA DISTRIBUIÇÃO DA ENERGIA ELÉCTRICA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

divisões administrativas que maior e melhor conhecimento têm das necessidades locais e aproveita os seus serviços e conhecimentos para a cooperação indispensável em montagem de tão grande alcance.

Esta participação das autoridades e dos organismos municipais torna-se tanto mais importante, quanto é certo que canaliza para os seus meios e para benefício das próprias regiões aquelas comparticipações financeiras, que o Governo, através de uma comparticipação directa e através do Fundo de Desemprego, se propõe ceder para o fim em vista. Assim, e de alguma maneira, como se em política de auxílio e fomento se repetisse a experiência física dos vasos comunicantes, os auxílios destas duas fontes, do Estado e do Fundo do Desemprego, vem a repercutir-se, por igual, em todos os meios necessitados, estabelecendo, gradualmente, uma sensível e equilibrada melhoria de vida do povo português, no seu conjunto.

Os objectivos económicos e sociais desta nova medida, e expansão da energia eléctrica até aos meios mais apagados do País, carecem de ser exaltados, tal a clareza e a simplicidade da sua manifesta actuação como benefício geral, para que tenhamos de pôr em destaque o espírito que verdadeiramente anima e inflama os propósitos e os fins que a presente proposta promove.

Sincronizar, isto é, dar execução segundo um plano comum e por igual, a todos os objectivos económicos e sociais a que nos referimos, está ainda no espírito que ditou a actual proposta de distribuição eléctrica, de maneira a que não se façam ou exerçam desmandos ou favoritismos, desequilíbrios, numa palavra, que pudessem alterar ou transformar o espírito de equidade que ditou a lei. Essa sincronização terá, para além da comparticipação necessária das autarquias locais, um sistema de centralização e de visão conjunta, que irá inspecionando e acompanhando a aplicação da lei, em todo o País, para que todo ele, onde possível, colha o maior benefício, dentro do menor tempo e com a maior eficiência! Eis, numa palavra, o sentido da proposta governamental.

L. V. C.

Noticias do Algarve

SEMENARIO REGIONALISTA

MUSSOROSKI E O CASO DOS DOIS BORIS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Do Boris Godunow, Pouglin limitava-se quase a dizer que pelo mesmo tempo em que (1866) escrevera «Uma noite no Monte Calvo», que não fora executada em S. Petersburgo senão em 1886, cinco anos após a sua morte, depois de o sr. Rimsky-Korsakow a ter orquestrado, Mussorowski se ocupava da sua primeira obra dramática, Boris Godunow, opera em cinco actos, cujo assunto lhe tinha sido sugerido pelo seu amigo, o professor Nikolshy, segundo uma tragédia de Puchkine, e da qual ele escreveu o poema e a música. (Começara antes uma Salammbô, que não acabou, e cujos trechos fez entrar no seu Boris Godunow). Esta obra, representada a 5 de Fevereiro de 1874, no teatro Maria de S. Petersburgo, não obteve sucesso algum. Produziu uma segunda, Kovanchina, em cinco actos e seis quadros, de que escreveu também o poema e a música, mas que a morte lhe fez deixar inacabada, tendo sido terminada e orquestrada ainda pelo sr. Rimsky-Korsakow.

O meu interesse especial por Mussorowski proviera, sem dúvida, do facto de eu, ainda mais ignorante do que ele, incrivelmente atirado, ai por 1906/1907, — (segundo a justa formula de Mahler: compositores não são os que compõem música, mas sim os que estão compostos de música) — a escrever música para um drama em prosa, a Belkiss do excelso Eugénio de Castro, seguindo na declaração musical a prosódia gramatical que se me oferecia espontaneamente e subordinando-lhe a subestrutura harmónica que lhe dava sentido, como acompanhamento ou comentário intercalar. Vindo a saber depois e a verificar que Debussy seguira uma via similar e que esta via a tomara sob a influência do Boris, precisamente, compreende-se já como ainda nesse ano de 1908, e por acaso nesse mesmo mês de Abril, a minha impaciência me tivesse levado a adquirir o livro que acabara de aparecer, de M. D. Calvocoressi, sobre Mussorowski na coleção Les maitres de la Musique, do editor Alcan, (Paris, 1908), e que, tendo vindo a férias de Páscoa, aqui datel de Olhão, 12 de Abril de 1908.

(Entre em todos estes pormenores porque, como se verá, eles são indispensáveis para se apreciar devidamente o caso...)

Ora, neste livro de Calvocoressi, Mussorowski é posto já no seu devido lugar. E Calvocoressi, ao tratar da música dramática do autor, bem dedica ao Boris Godunow um substancioso parágrafo (de pag. 168 a pag. 202), em que musicalmente analisa o drama na sua estrutura dramática.

Esta análise de Calvocoressi exerce-se, porém, felizmente para o caso, sobre a obra, publicada em 1875 pelo editor Bessel, e que no catálogo das obras de Mussorowski, cita.

Ora vejamos qual era a estrutura dramática deste primeiro Boris, — o Boris original, integralmente e exclusivamente de Mussorowski, e que na representação de 1874 não obtivera êxito nenhum... Em primeiro lugar: «Boris Godunow, ópera em quatro actos com um prólogo. — Redução completa para piano e canto, compreendendo as cenas não destinadas à representação teatral»: tal é, diz Calvocoressi «o título exacto da edição original da obra-prima de Mussorowski, publicada por volta do fim de 1875 ou no começo de 1876», acrescentando, em nota, que «o visto da censura está datado de 18/30 de Novembro de 1875».

O drama Boris Godunow, de Puchkine, fora escrito segundo o modelo das peças de Shakespeare. Mussorowski aproveitara-o, simplificando-lhe o texto e introduzindo contribuições de outras fontes, mas conservando-lhe a mistura de prosa e verso, segundo as necessidades da expressão. «Mas ainda, talvez, que o de Puchkine, o Boris Godunow de Mussorowski, formado dum pequeno número de cenas essenciais mas sem laço aparente, é uma simples série de quadros cujas correlações só compreenderá o espectador familiar com a narração dos factos ali representados abreviadamente.» «Mussorowski não visara senão a concretizar, numa reprodução artística, os mais pungentes momentos do grande drama nacional e dos dramas íntimos que vira na obra de Puchkine e também nas narrações, três quartas partes históri-

cas, uma quarta lendárias, de que lhe haviam fornecido a matéria a História do Império Russo, de Karamsine e algumas crónicas populares.» «Como Puchkine, Mussorowski não concentrara o interesse sobre a história patética do czar Boris. O personagem principal é o povo, cuja massa al estremece e se agita quase dum extremo a outro. O drama começa no meio do povo ansiosamente amontoado diante do convento onde Boris se escondera. Acaba num desencadeamento de massas revoltadas, cujo contínuo impulso se tem pressentido dum extremo ao outro dos três primeiros actos.» E Calvocoressi muito lucidamente acrescenta: «Este personagem principalmente parece, como os próprios heróis, sobretudo passivo (ficando o usurpador por toda a parte no plano de fundo e não fazendo senão aparecer no desenlace). Só a fatalidade é que actua, ela é que é a verdadeira mola da acção que por aí adquire uma grandeza quase esquiliana.»

A exposição do assunto (que no drama de Puchkine se reduzia a uma cena inicial explicando que Boris recusava a coroa simplesmente por cálculo), fora convertida por Mussorowski nas duas cenas do prólogo: a do pátio do mosteiro, onde a multidão, sob a pressão policial, supplica a Boris que aceite o trono...; e a da coroação na praça do Kremlin. O 1.º acto constava da cena da célula monacal de Pimene, seguida da cena da taberna junto da fronteira da Lituânia. O 2.º acto passava-se no palácio imperial, com os seus vários episódios, entre os quais a grande cena da alucinação. O 3.º acto era inteiramente constituído pelos dois quadros passados na Polónia: um no castelo de Sandimir, com as cenas de Marina, e do jesuíta Rangoni, pretendendo, sob a protecção do falso Dmitri usurpador, introduzir o catolicismo na Rússia; e o da fonte, ao luar, que termina pelo dueto de amor, com o aparte do jesuíta, na sombra, exultando pelo seu sucesso... O 4.º e último acto voltava à atmosfera dos dois primeiros: o quadro da sala da Duma, com os boiadores, e depois Chuiski e Boris, e, por fim, Pimene com a narração do velho pastor cego, que perturba Boris mortalmente.

Em seguida, o quadro final: na floresta de Krom, a multidão revoltada e implacável, dando mor-

A VISITA

DO SR. BISPO DE HUELVA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

C. de Lisboa, secretário-geral do Governo Civil, Reitor do Liceu, chanceler do Consulado de Espanha, chefe do Posto da P. V. D. E., autoridades religiosas, etc.

No final do repasto, trocaram-se amistosos brindes entre os dois venerandos Prelados, pela estreita união dos católicos de ambos os países, agradecendo as autoridades civis a sua comparencia. Também usou da palavra o ilustre Governador Civil de Faro, para agradecer ao sr. Don Pedro Cantero a sua visita a Portugal.

No brinde final do antífite espanhol, este exaltou a espiritualidade peninsular, difusora da fé cristã pelo orbe, através dos séculos, e rendeu preito a Nossa Senhora de Fátima, sob cuja protecção se forjaram os vínculos que unem agora a Espanha e Portugal, em colaboração de fé e amizade, como exemplo aos demais povos.

As 16 horas, celebrou-se uma sessão solene, no salão nobre do Liceu, em que falaram diversos oradores sobre o sentido missionário luso-espanhol para propagar a civilização cristã, após o que S. Ex.ª Rev.ª o sr. Don Pedro Cantero regressou a Espanha, cerca das 19 horas de domingo, com a sua comitiva. Foi acompanhado até à fronteira por S. Ex.ª Rev.ª o sr. D. frei Francisco Rendeiro, Côsul de Espanha em Faro, Rev. Prior Galhardo Palmeira e deputações paroquiais de Faro e Vila Real de Santo António, os quais apresentaram os seus cumprimentos oficiais de despedida aos Ex.ªos visitantes.

A convite atencioso do nosso prezado assinante, sr. Vicente Rodrigues Peral, proprietário do café-restaurante «As Caves do Guadiana», foram ali obsequiados com uma merenda o sr. Bispo de Huelva e todas as pessoas do seu sé-

ras ao Boris e vivas ao novo czar Dmitri, à gloria de quem dois padres católicos romanos cantam também um hino, passa seguindo o usurpador que a convida para o Kremlin... Esvaziada a cena só um pobre-diabo, o turodivy, fica sentado numa pedra, a soluçar a sua lamentação... «desgraçada Rússia! Chora, povo russo, povo cheio de fome!»

Desde 1908 se ficara pois conhecendo, em França e em todo o mundo culto, qual a estrutura do Boris original, integralmente de Mussorowski, por esta análise de Calvocoressi, se é que já todo o mundo a não conhecia, desde 1896, pela primeira revelação em França de Pierre d'Alheim: Mussorowski (ed. do Mercure de France — Paris MDCCCXCVI), livrinho que tive a sorte de ter encontrado num livreiro velho e ainda nesse mesmo ano de 1908, (na data de 5 de Dezembro, consignada no exemplar que tenho aqui). Pierre d'Alheim dedicara a sua obra a Jules de Brayer. Ora de Jules de Brayer lera eu algures que fora aquele personagem a quem Camilo Saint-Saëns dera a conhecer o exemplar da partitura de piano e canto do Boris que trouxera da Rússia onde, por acaso talvez, assistira à primeira representação do drama em 1874. Fora Brayer quem revelara a Debussy este exemplar do Boris; e uma fotografia existe de Debussy ao piano, em mangas de camisa, em casa dum outro compositor, lendo a partitura, a um auditório íntimo...

Assim, já em França a elite cultural não desconhecia a existência e a estrutura do verdadeiro Boris quando ao grande público ocidental em 1908, por obra e graça de Sérgio de Diaghilev, o genial drama musical foi revelado. E sabia-se também — ao menos pela nota de Calvocoressi (a pag. 202) à sua análise musical referida o seguinte:

«Em 1896, apareceu uma nova edição de Boris Godunow, reviso e remanejado pelo sr. Rimsky-Korsakow. Certas das mudanças que aí se notam têm um fim puramente prático, que é o facilitar a execução; outras não são motivadas senão pelo desejo de atenuar o aspecto insólito da obra, de a tornar menos desconcertante para o público.»

F. Fernandes Lopes

Torno Mecânico

A Empresa Rodoviária, Olhão, aceita propostas para o fornecimento de um torno mecânico de 1.50 metros entre pontos, barramento prismático e caixa Norton, com motor eléctrico acoplado, 220/380, 50 períodos alterna. Novo ou usado. Até ao fim do corrente mês.

Resposta à mesma Empresa, em carta fechada, para a sua sede: Rua n.º 4 da Avenida Dr. Bernardino da Silva — Olhão.

Visado pela Comissão de Censura

BARCOS

Vendem-se 5 barcos; 2 com matrícula de tráfego local, e os outros 3 com matrícula de tráfego local, costeiro e internacional, carregando cada um, entre 20 a 50 toneladas.

DIRIGIR A:

MARÍTIMA DE S. FRANCISCO, L.ª FARO

NATURALISMO em Cesário Verde

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

robusto, calcando o chão com a elegância de um inglês ou dum holandês. Nas páginas das «Farpas», não poucas vezes se refere à vida inglesa e aos seus costumes metódicos. No primoroso livro «A Holanda», encontra-se o trabalho dum viajante cheio de calma e ponderação, anotando tudo com o escrúpulo dum escritor consciencioso e opulento, dando margem a que o poeta Guerra Junqueiro lhe ehamasse, sem abusar da hipérbole, «um repórter genial».

Na linguagem de Ramalho, sem missangas nem artificios, existe a poderosa e vernácula língua portuguesa vasada em moldes robustos como a sua própria individualidade. Cesário Verde é aquele rapaz que sofreu, nos trinta e um anos da sua existência, duas tiranias ocultas: a do pai, que odiava os sonhadores, e da arte que lhe criava ilusões, amores e versos.

Tudo suportava o melancólico rapaz, que trouxe consigo o selo do infortúnio. Contudo, outros há, em idênticas circunstâncias, que deontam a negra sorte com uma coragem de estoicos. Enumero alguns: João de Deus, Soares de Passos, Simões Dias, José Sampaio (Bruno), Manuel Teixeira Gomes, Carlos Malheiro Dias, Fernando Pessoa, Manuel Ribeiro, Ferreira de Castro e outros.

O temperamento e o organismo de Cesário Verde, porém, eram duma sensibilidade e delicadeza confrangedoras. Compleição demasiadamente frágil e mimosa!

O crítico Silva Pinto, que privou com ele de perto, nota-lhe os passos britânicos, a pureza das ideias e o horror que tinha à vida comercial.

Folheando hoje, de novo, «O Livro de Cesário Verde», vou seguindo os versos naturais que o seu amigo separou dos românticos, e vejo que, na verdade, Cesário cultiva na paisagem portuguesa e na inglesa os seus melhores trechos, as suas mais perfeitas composições.

Começo pelas «Cristalizações», dedicadas a Bettencourt Rodrigues, seu amigo, artista e médico de aptidões superiores:

Faz frio. Mas depois duns dias de aguaceiros, Vibra uma imensa claridade crua. De côcoras, em linha os calceteiros, Com lentidão, terrosos e grosseiros, Calcam de lado a lado a longa rua.

Eu julgo-me no Norte, ao frio — o grande agente! Carros de mão, que chamam carregados, Conduzem saibro, vagarosamente, Vê-se a cidade, mercantil, contentente: Madeiras, águas, multidões, tehlados!

Povo! No pano cru rasgado das camisas Uma bandeta penso que trans-luz! Com ela sofres, bebes, agonizas: Listrões de vinho lançam-lhe divisas, E os suspensórios traçam-lhe uma Cruz!

Verdadeiras cristalizações da vida dos calceteiros, das peixeiras, das actrices e de outros pobres que arrastam a sua cruz com resignação, ante a indiferença dos outros que vivem bem e trabalham pouco ou nada.

O poeta naturalista recolhe ao conforto da sua casa com a alma atormentada pelo que observa com a poderosa retentiva da arte. Produz então vinte painéis de versos sóbrios, dum realismo cortante, que lembra Pope ou Byron. Volto folhas atrás, penetro na crise romanesca, como a designou Silva Pinto, e extrai simplesmente duas quadras:

Em si tudo me atrai como um tesouro: O seu ar pensativo e senhoril, A sua voz que tem um timbre de ouro E o seu nevado e lúcido perfil! Eu ontem encontrei-a, quando vinha, Britânica, e fazendo-me assombrar; Grande dama fatal, sempre sózinha, E com firmeza e música no andar!

Os ingleses são os que mais prendem a sua atenção, pela linha firme do corpo e da alma.

Continuo a inquirir as simpatias e os trechos amorosos e artísticos do poeta.

Estão agora sob os meus olhos as «Manhãs Brumosas», com a sinfonia da sua abertura:

Aquela, cujo amor me causa alguma pena, Põe o chapéu ao lado, abre o cabelo à banda. E com a forte voz encantada, com que ordena, Lembra-me, de manhã, quando nas praias anda, Por entre o campo e o mar, bucolica, morena, Uma pastora auzaz da religiosa Irlanda.

As cinco sextilhas que constituem as «Manhãs Brumosas» pertencem já à fase de perfeição que Cesário atingiu, demonstrando a sua afeição pelas irlandesas nesta lacónica passagem:

E como aquelas são marítimas, serranas, Sugere-me o naufrágio, as místicas, e gelos E as redes, a manteiga, os queijos, as choupanas.

Apesar da sua manifesta simpatia pela Inglaterra, não se esquece que é português e trata de estabelecer confrontos:

Ó cidades febris, industriats, De nevoeiros, poeiradas de hulha, Que pensais do país que vos atulha Com a fruta que sai dos seus quintais?

Uma alta parreira moscatel Por doce não servia para embarque: Palácios que rodeiam Hyde-Park, Não conheceis esse divino mel!

Pois a Coroa, o Banco, o Almirantado, Não as têm nas florestas em que há corças, Nem em vós que dobrais as vossas forças, Pradarias dum verde ilimitado!

Uma aldeia de aqui é mais feliz, Londres sombria, em que cintila a corte!... Mesmo que tu, que vives a comerte, Grande seto arquejante de Paris!

Nesta extensa poesia «Nós», o artista espraia-se em conhecimentos de agricultura, geografia, filosofia, comércio e indústria.

A sua cultura, vasta e disciplinada, mais parece pertença dum anglo-saxão do que dum português. E manejar todos esses conhecimentos no âmbito da metrificacão, é revelar uma soma maravilhosa de ciência, arte e meditação.

Outra faceta cumpre-me também examinar: Cesário Verde, mesmo fraco e doente, foi um saudável optimista.

Na sua obra transparece o aprumo e a elegância dum nobre português, ao contrário de António Nobre, que foi um choramingas crivado de males imaginários e de injustiças platonicas. Nem tão pouco deve ser equiparado a José Duro, outro doente das suas próprias levandades e do seu sensualismo pecaminoso.

No dia 25 deste mês de Fevereiro, faz cem anos que Cesário Verde veio ao mundo, e não será inútil lembrar aos seus camaradas que vivem em Lisboa uma piedosa peregrinação ao seu jazigo e ao jardim público que tem o seu glorioso nome?!

Marcos Algarve